



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

GLAUCENIR MIRANDA MARQUES

**AS MARCAS DE SUBJETIVIDADE EM TESTEMUNHOS DE MULHERES TERENA
SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM NA DANÇA SIPU`TRINA OU PUTU-
PUTU-NIOAQUE-MS**

JARDIM - MS

2019

GLAUCENIR MIRANDA MARQUES

**AS MARCAS DE SUBJETIVIDADE EM TESTEMUNHOS DE MULHERES TERENA
SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM NA DANÇA SIPU`TRINA OU PUTU-
PUTU-NIOAQUE-MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Português/Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adélia Maria Evangelista
Azevedo

JARDIM – MS

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GLAUCENIR MIRANDA MARQUES

**AS MARCAS DE SUBJETIVIDADE EM TESTEMUNHOS DE MULHERES TERENA
SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM NA DANÇA SIPU TRINA OU PUTU-
PUTU-NIOAQUE-MS**

APROVADA EM: 20 de novembro de 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adélia Maria Evangelista
UEMS/Jardim

Prof.^a Dr.^a Rita de Cassia Aparecida Pacheco Limberti
UEMS/Jardim

Prof.^a Dr.^a Sandra Cristina de Souza
UEMS/Jardim

MIRANDA, Glaucenir Marques
As marcas de subjetividade em testemunho de mulheres
Terena sobre as experiências de linguagem na dança
Sipu`trina ou *Putu-Putu* Nioaque-MS. / Glaucenir
Miranda marques, Jardim: UEMS, 2019

Bibliografia
Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação
Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso
do Sul.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim, 20 de novembro de 2019.

Glaucenir Miranda Marques

Dedico este trabalho a minha família
e a minha comunidade Terena de Nioaque MS.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conceder-me a oportunidade de concluir o Curso de Letras, Habilitação Português/Inglês, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade Universitária de Jardim.

Aos meus pais, Milton Cabrocha e Vera Lucia do Carmo Miranda, por todo auxílio e incentivo recebido no decorrer da minha vida e da minha escolarização.

Aos meus sogros, Onivaldo José Ortega e Cenira Cotócio Ortega, pelo apoio que me concederam durante a minha trajetória acadêmica, por ter cuidado do meu filho enquanto estudava.

A meu esposo, Reginauro Cotócio Ortega, se não fosse por ele me incentivar a volta estudar novamente.

Ao meu filho, Reger Miranda Ortega, por suportar a minha ausência, quando eu deveria estar desfrutando do seu crescimento. Em outros momentos de envolvimento na minha formação acadêmica.

A minha Orientadora, Prof^a Dr^a Adélia Maria Evangelista Azevedo, pela paciência e dedicação.

Aos professores e professoras do curso de Letras - UEMS – Unidade de Jardim, que me ajudaram nas horas mais difíceis que passei durante a minha trajetória acadêmica.

Aos familiares, professores, ex-professores da educação básica da reserva Terena – município de Nioaque – Mato Grosso do Sul.

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada, As marcas de subjetividade em testemunhos de mulheres Terena sobre as experiências de linguagem na dança *Sipu'trina*, ou Putu-Putu. - Nioaque-MS, tem o objetivo apresentar os testemunhos da dança feminina Terena. O foco central está nos sentidos que a dança representa enquanto experiência de linguagem na subjetividade do povo Terena. O percurso teórico deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC segue com questões da Linguística da Enunciação com Benveniste (2006), com a Filosofia para o conceito de testemunhas com Agamben (2005) e com o conceito de cultura para Goldstein (1989). Os resultados das análises dos enunciados coletados em primeira pessoa, a partir de duas testemunhas, anciãs Terena apontam para os valores da dança ligados à alegria, à luta pela Terra, à herança a ser ensinada às meninas e adolescentes e à constituição do povo Terena em diferentes territórios de MS. A importância da pesquisa é para as futuras gerações do povo Terena e das questões ligadas a educação, experiências de linguagem e de valores a serem preservado pelo povo indígena. Por meio desta pesquisa, tem-se a dança da mulher Terena, *Sipu'trina*, ou Putu-Putu, também enquanto conquista e ampliação de territórios, frente as diversas situações de dificuldades vividas pelas mulheres indígenas. Os sentidos relacionam-se diretamente com a língua materna expressada na cultura, através da dança *Sipu'trina*, ou Putu-Putu.

Palavras-chave: 1. Testemunhas. 2. Mulher Terena. 3. Dança *Sipu'trina*, Putu-Putu

ABSTRACT

The present research, entitled, The marks of subjectivity in testimonies of Terena women about language experiences in Sipu'trina, or Putu-Putu dance. - Nioaque-MS, aims to present the testimonies of female dance Terena. The central focus is on the meanings that dance represents as a language experience in the subjectivity of the Terena people. The theoretical course of this Course Conclusion Paper - TCC follows with questions of the Linguistics of Enunciation with Benveniste (2006), with the Philosophy for the concept of witnesses with Agamben (2005) and with the concept of culture for Goldstein (1989). The results of the analysis of the statements collected in the first person, from two witnesses, elderly Terena point to the values of dance linked to joy, the struggle for the earth, the inheritance to be taught to girls and adolescents and the constitution of the Terena people. different territories of MS. The importance of research is for future generations of the Terena people and issues related to education, language experiences and values to be preserved by the indigenous people. Through this research, there is the dance of the woman Terena, Sipu'trina, or Putu-Putu, also as conquest and expansion of territories, facing the various situations of difficulties experienced by indigenous women. The senses relate directly to the mother tongue expressed in culture through the Sipu'trina dance, or Putu-Putu.

Keywords: 1. Witnesses. 2. Terena Woman. 3. Sipu'trina Dance, Putu-Putu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 - Contexto histórico e étnico dos povos indígenas da etnia Terena no Mato Grosso do Sul e no município de Nioaque - MS.....	13
1.2 - Conceito de Testemunho para Agamben	17
1.3 - Conceito de Linguagem para Benveniste.....	19
1.4 – Conceito de cultura Goldestein	20
CAPÍTULO II. TESTEMUNHOS FEMININOS SOBRE A DANÇA FEMININA TERENA, <i>Sipu’trina</i>, ou <i>PUTU-PUTU</i>	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, tem o objetivo de apresentar testemunhos de duas mulheres Terena de Nioaque -MS sobre a dança *Sipu'trina*, conhecida na Língua Terena como Putu-Putu, coletados através de duas anciãs da Aldeia Taboquinha - Nioaque – Mato Grosso do Sul. Para isso, inicio com um pouco do meu próprio percurso de formação.

Sou índia da etnia Terena, nascida na Aldeia Água Branca, no município de Nioaque - MS, localizado a 170 km da capital Campo Grande. Não sou falante da língua terena e deveria ser minha primeira língua. Com o decorrer do tempo e a proximidade do *Purutuya* (não índios), todos foram perdendo a língua materna por falta de incentivo dos pais.

Iniciei meus estudos na primeira série do ensino fundamental no ano de 1996, aos 08 anos de idade na Escola Municipal 31 de Março, escola pública decreto n°099/95 criada em 25 de julho de 1995, situada na Aldeia Água Branca, Nioaque- MS.

De 1997 a 1999 concluí o primeiro ciclo do ensino fundamental, não me lembro de muita coisa desse período por ser ainda muito criança. As poucas lembranças que tenho desse período são das brincadeiras, dos momentos de alegria, de encontrar os coleguinhas para brincar.

De 2000 a 2003 fiz o segundo ciclo do ensino fundamental, da quinta a oitava séries, sempre dando prioridade à língua portuguesa, onde a maioria dos meus professores eram não índios ou *Purutuya*. Lembro-me, nesta época, que tinha apenas dois professores indígenas.

Neste período as aulas em língua terena não eram incentivadas, hoje podemos perceber o quanto essas aulas fazem falta para a minha geração. Essas foram algumas das causas que me afastaram do uso da língua terena.

No ano de 2004, iniciei meus estudos no ensino médio, na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Angelina Vicente, em Nioaque e concluindo em 2006.

Obtive responsabilidades desde muito cedo, aos onze anos já cuidava de casa junto com meus irmãos, minha mãe já trabalhava na escola como merendeira, função que ocupa até os dias atuais na mesma escola e meu pai sempre trabalhou nas fazendas da região. Eu estudava e realizava as tarefas domésticas em casa. No 3º ano do Ensino Médio comecei a pensar que faculdade poderia fazer! Por várias vezes sonhei com meus colegas, mesmo sabendo que meus pais não teriam condições de me manter em outra cidade.

O meu desejo sempre foi cursar o ensino superior, de modo específico, o curso de Enfermagem, mas meus pais não tinham condições financeiras. Em 2007, consegui pela nota

do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM - ingressar em Administração na UEMS - Unidade de Maracaju/MS. Enfim mudei e iniciei a o curso de Administração, fiquei um ano e meio e tive que desistir por falta de condições financeiras. Era complicado manter-me na cidade, retornei para Aldeia em Nioaque. Fiquei seis anos afastada da sala de aula; durante este período, trabalhei para ajudar meus pais em casa.

Aos vinte e três anos me casei e em seguida voltei a estudar novamente, embora no início não ter gostado muito da ideia; sendo assim, cheguei a fazer um curso de Informática Básica e Técnica em Farmácia.

Em 2012, com o apoio do meu esposo, fiz o vestibular para Radiologia na UNIGRAN em Dourados-MS, passei e fui morar em Dourados com meu filho ainda pequeno, fiquei três meses, só que não foi possível continuar e retornei novamente para a Aldeia. Só que meu esposo nunca desistiu de me ajudar e sempre insistiu que eu voltasse a estudar.

Em 2014, chegou o período do ENEM, meu esposo pegou meus documentos sem que eu percebesse e fez a minha inscrição, e quase no dia da prova, disse-me que tinha feito minha inscrição no ENEM. Eu não escapei, tive que fazer a prova para que ele não ficasse contrariado, mas eu estava achando que não iria passar disso.

Após ter saído o resultado do ENEM, foi aberto a inscrição do Sistema de Seleção Unificado – SISU que é um programa criado pelo governo federal em 2010 e gerenciado pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, mas como minha nota não foi uma nota alta, meu esposo resolveu fazer a inscrição na Unidade de Jardim pela cota indígena para meu ingresso no ensino superior, colocando em primeira opção o curso de Letras Português/Inglês e como segunda opção o curso de Geografia. Em 2015, consegui ingressar na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade de Jardim.

No início foi muito difícil, pela distância percorrida todas as noites, correndo risco de acidentes na BR, até mesmo o sentimento de mãe por deixar meu filho ainda pequeno com apenas dois aninhos de idade em casa com o marido.

Durante o percurso de estudos, tudo foi longo e difícil, mas consegui alcançar e vencer o tempo necessário para a conclusão.

Eis que ao final para o TCC, surgiu o desejo de escrever sobre a questão da dança feminina Terena e desvendar mais sobre esta expressão cultural.

A ideia do meu TCC nasceu de mim e das muitas mulheres que estiveram sempre próximas, tais como minha avó, minha mãe, minhas tias e outras mulheres da comunidade. Nesse sentido, a pesquisa tende a responder a seguinte pergunta: Como a dança *Sipu'trina* contribui com a construção da subjetividade e da identidade da mulher Terena e como essa

manifestação cultural ajuda a preservar a cultura dos povos indígenas terena?

Diante da questão da pesquisa, traçam-se como objetivos específicos os seguintes pontos:

- a) Situar os testemunhos femininos sobre a dança *Sipu'trina* Putu-Putu em primeira pessoa;
- b) Descrever questões de linguagem a respeito do conceito de dança para diferentes sujeitos;
- c) Incluir a questão da dança na construção da identidade da mulher indígena.

O percurso metodológico seguiu por três fases, a primeira dedicada à pesquisa bibliográfica que foi a seleção dos percursos teóricos, a segunda com a coleta dos testemunhos em encontros realizados com as entrevistadas e a terceira com as análises de dados.

Foi marcado antecipadamente com elas que se disponibilizaram a me receber em suas residências, respondendo ao questionário elaborado, com a finalidade de coletar dados sobre o tema discorrido nessa pesquisa, onde as mulheres entrevistadas falaram de forma espontânea sobre a importância da dança feminina da etnia Terena.

O TCC traz no Capítulo I, **Fundamentação Teórica**, os seguintes percursos teóricos: o primeiro ocorreu a partir da pesquisa bibliográfica com a seleção de textos do IBGE (2010), Miranda (2007), Fausto Boris (1995) abordando a relação entre os índios e a Guerra do Paraguai. Seguimos com leituras em Bordieu (1989) para o conceito de cultura. E com leituras teóricas da Linguística da Enunciação com Émile Benveniste (2006) e com a Filosofia com testemunho com Giorgio Agamben (2005).

No Capítulo II, sob o **título Testemunhos sobre a Dança Feminina, *Sipu'trina* ou Putu-Putu**, as análises dos testemunhos produzidos por duas mulheres anciãs da comunidade indígena de Nioaque.

E as **Considerações Finais** retratam o resultado do trabalho expresso através da conclusão feita pela autora sobre o tema abordado e a aprendizagem adquirida.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo abordar-se-á a fundamentação teórica que está dividida em duas partes: A primeira parte consiste em situar a etnia do povo Terena da aldeia Água Branca de Nioaque, fazendo um recorte histórico de sua vida e cultura com Oliveira (1976), Miranda (2007), Fausto Boris (1995) e alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). A segunda parte do percurso teórico segue com as noções de cultura em Goldstein (2008), conceitos de testemunho com a Filosofia, para a definição de testemunho com Giorgio Agamben (2005) e com questões de linguagem em Émile Benveniste (2006).

1.1 - Contexto histórico e étnico dos povos indígenas da etnia Terena no Mato Grosso do Sul e no município de Nioaque - MS

De acordo com o Censo (2010) existem aproximadamente 225 povos indígenas no Brasil, compreendendo uma parcela de 0,4% da população nacional. Cada uma dessas etnias possui uma cultura diferente uma da outra, mas sempre buscando preservar a sua cultura e mostrando o seu valor no meio da sociedade, como mostra o texto a seguir.

Os Terenas descendem do grupo linguístico Aruak/Txané, da Tribo Guaná (inicialmente dividida em várias subtribos), e são originários da região do Chaco. Algumas destas tribos atravessaram o Rio Paraguai no século XVIII e dentre elas os Terenas foram localizados pelos missionários às margens do Rio Miranda no séc. XIX. O Povo Terena habita os estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo, sendo o primeiro, o local onde a maior parte de suas aldeias estão situadas atualmente, nos municípios de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Dourados, Anastácio, Sidrolândia e Rochedo, com uma população aproximada de 23.000 indivíduos. Durante meados do século passado e início deste, muitas foram as formas de envolvimento entre indígenas Terena e a sociedade não indígena. As instituições não indígenas, na maior parte das vezes, atuaram no sentido de integrar o Terena à sociedade nacional. O pessimismo com o qual as sociedades indígenas eram observadas até recentemente reflete-se na fala de um observador da comunidade Terena, do século XIX (SOUZA 2000, p. 7).

O povo Terena, também chamado Terenoé, são povos da etnia indígena brasileira, que pertencem ao grupo Guanás. Povos habitantes da região de Chaco, vindo para o Mato Grosso do Sul no período colonial. São grupos considerados como o único subgrupo remanescente da nação Guaná. Pequenos grupos vindos do país vizinho passaram pelo rio Paraguai rumo a Mato Grosso do Sul e, se estabeleceram nas áreas.

Hoje os povos Terenas vivem na região Centro-Oeste, no Mato Grosso do Sul com as seguintes áreas indígenas: Aldeinha (na cidade de Anastácio), Buriti, Tereré e Córrego do Meio (na cidade de Sidrolândia), Lalima, Passarinho e Cachoeirinha (na cidade Miranda),

Limão Verde, Bananal, Água Branca, Ipegue e Lagoinha (na cidade de Aquidauana), Cabeceira, Água Branca, Taboquinha e Brejão (na cidade de Nioaque).

As primeiras informações que temos estão no livro de Roberto Cardoso de Oliveira, que conta sobre a história dos Guanás, quem vem do século XVIII, através dos cronistas. De acordo com Oliveira (1976, p.39) a história do povo Terena, de suas crenças, tradições, costumes, ou seja, da cultura, estas foram herdadas pelos antepassados. Os anciãos são responsáveis por repassar de geração em geração a cultura, a língua e demais manifestações, sempre buscando mostrar a importância do passado e da terra.

De acordo com Oliveira (1976, p.42) a dança é uma das manifestações de linguagem, cultura e tradição. Ela representa a conquista e a vitória na Guerra do Paraguai e também a alegria pelas terras conquistadas pelo povo Terena. No passado, os ancestrais vieram realizar o deslocamento do Chaco Paraguaio e, em outros momentos, tiveram que realizar outros deslocamentos, por causa dos conflitos decorrentes da Guerra do Paraguai. A dança é alegria e em outros momentos o lamento, porque faz referência à vida sofrida. Esta manifestação cultural está também relacionada ao respeito e à liberdade do povo Terena. Recentemente, as danças são revelações de buscas por diretos, principalmente na questão de terra, lutando pela demarcação de áreas.

De acordo com Miranda (2007), Mato Grosso do Sul é o estado que possui a segunda maior reserva indígena do Brasil, sendo a etnia Terena a maior população indígena, habitando em oito municípios do Estado e somando aproximadamente 18.000 habitantes. Ainda de acordo com Miranda (2007), em Nioaque havia inicialmente dois núcleos indígenas: um formado em 1907 pela família do “Capitão” Vitorino que se denominou Aldeia Brejão e posteriormente o outro denominado Água Branca, que foi dividida em três partes, surgindo as aldeias Taboquinha e Cabeceira.

O município de Nioaque é considerado um dos mais antigos do Estado de Mato Grosso do Sul, como consta no texto abaixo, retirado do IBGE.

Nioaque é um município brasileiro do estado de Mato Grosso do Sul. Localiza-se a uma latitude 21°08'07" sul e a uma longitude 55°49'48" oeste, estando a uma altitude de 200 metros. O principal acidente geográfico é a Serra de Maracaju. No terreno predominam os Planaltos e Morros, entre eles: Morrinho, Cerro Azul e Morro do Baú. Os solos são calcários, argilosos, arenosos e pedregosos. O rio Nioaque atravessa o município, este possui aproximadamente 100 quilômetros de extensão, é afluente do Rio Miranda e presta-se a navegação de pequenas embarcações. Suas águas são boas para banhos e pesca. Possui uma área de 3.923,790 km². Sua densidade é de 3,67 hab./km² (IBGE 2010)

A partir desse fragmento é possível entender como se dá a localização geográfica desse território que, banhado pelo rio, oferece condições favoráveis para a agricultura e

pecuária, como também para a subsistência desses povos. Embora o solo seja arenoso e pedregoso, os índios trabalham com grande êxito no cultivo de alguns produtos, como é o caso da mandioca.

Em relação ao clima desse território, o IBGE (2010) define como tropical úmido, em que se têm muitas chuvas no período de verão e um calor intenso. A temperatura desse território está sempre acima de 20°C. O clima é classificado com leve variação já que em quase todo o ano faz calor e chove, com exceção do inverno onde o clima fica seco e o frio é da mesma proporção do verão, muito intenso.

Segundo o IBGE (2014) a vegetação desse território se constitui por cerrado e floresta estacional. Essa vegetação é considerada primitiva, pois desde o início desse território ela permanece com sua origem. Já os solos são compostos por cinco tipos, latossolo roxo eutrófico, latossolo vermelho-escuro álico, solos litóricos eutróficos, areias quartzo álicas e gleis.

Contextualizando brevemente o Estado de Mato Grosso de Sul e os municípios fronteiriços com o território, o IBGE relata:

Possui um IDHM (censo 2010) de 0,639, ficando em 69º do Estado de Mato Grosso do Sul. Nioaque está localizada no Centro-Oeste do Estado de Mato Grosso do Sul. Seus limites são: ao Norte o município de Anastácio, ao Sul o município de Guia Lopes da Laguna, a Leste o município de Maracaju e ao Oeste o município de Bonito. Além da área urbana, composta pelo centro da cidade, ainda existe a área suburbana, que constitui quatro bairros: Monte Alto, Largo da Baía, São Miguel e Ouro Verde. A zona rural de Nioaque é formada por fazendas e colônias agropecuárias. As principais são: Colônia Nova (Assentamento Boa Esperança); Colônia Bálsamo; Colônia Conceição (Gleba); Colônia Padroeira do Brasil (Gleba); Colônia Andalúcia; Colônia Palmeira; Colônia Santa Guilhermina; Colônia Morrinho; Aldeia Indígena Brejão (Terenas); Aldeia Indígena Água Branca (Terenas); Aldeia Indígena Taboquinha (Terenas), Aldeia Indígena Cabeceira (Terenas e Atikun), fazendas, Quilombos Cardoso e Araújo Ribeiro. (IBGE, 2010).

A partir desse trecho acima, pode-se ter uma visão do contexto onde o Distrito Sanitário Especial Indígena - DSEI está inserido, em um espaço físico, geográfico e ambiental em que se possibilita vivenciar a prática da medicina tanto científica quanto natural.

De acordo com Miranda (2007) em relação à questão ambiental e econômica do entorno que impacta o território do Distrito Sanitário Especial Indígena é possível pontuar que a economia desse território se baseia em uma atividade agrícola, em que as famílias trabalham na agricultura doméstica, como também na pecuária, esta de maneira muito tímida.

Assim, pode-se constatar que tanto a economia quanto o ambiente que contorna o DSEI constituem fortalezas e desafios para os indígenas. Por um lado, a economia interna é fragilizada, pois não conseguem escoar e vender seus produtos, deixando-os apenas para o

consumo interno das famílias. Isso obriga os habitantes desse território a sair em busca de empregos em outros lugares.

Por outro lado, as questões ambientais do entorno têm grande impacto no DSEI, pois como já mencionado antes, atinge diretamente o ambiente interno dessas aldeias. Esses impactos trazem prejuízos e danos tanto para à qualidade de vida, quanto para à consolidação de uma economia sustentável.

Assim, conclui-se que o território se torna de extrema relevância, pois oferece condições e possibilidades reais, concretas e coerentes para acontecer uma política da saúde que atenda os habitantes de forma eficaz e justa. É dentro do território que se torna possível a implementação de uma gestão planejada em prol da vida das pessoas, diminuindo, sanando e até mesmo eliminando qualquer distanciamento que pode haver entre uma realidade e outra, entre uma pessoa e outra, entre um grupo e outro.

De acordo com Miranda (2007), atualmente o território indígena de Nioaque está constituído da seguinte forma.

Atualmente a Terra Indígena Nioaque, está composta por 04 aldeias dotadas de autonomia política própria, ou seja, possui um “cacique” e um “conselho tribal”, que responde pelas relações políticas de cada setor. Cada aldeia resolve, dentro de certos marcos normativos, as pendências jurídico políticas entre seus membros. Os assuntos que dizem respeito ao conjunto das aldeias, da Terra Indígena de uma forma geral, são tratados em reuniões grandes, com a presença de todas as lideranças das aldeias, geralmente realizadas no Posto Indígena. A aldeia é constituída por um conjunto de moradias situadas dentro de seus limites estabelecidos por certos “marcos” que somente reconhecido pelos moradores de cada aldeia, ou seja, não estão visível ou exposto em forma de cercas ou coisas desta natureza, mas são estritamente respeitados pelos grupos agnáticos, sobre os quais são cobrados certas regras de conduta interna. Os limites das aldeias da Terra indígena Nioaque são observados em função desta regra, mas o usufruto da matéria prima da Terra Indígena para uso interno, como a madeira, o capim, a argila, etc é feito de forma geral pelas 04 comunidades (MIRANDA, 2007, p. 247).

Existem duas etnias nesse Distrito Sanitário Especial Indígena, sendo uma Terena que atinge a maioria da população e se encontra estabilizada nas quatro aldeias, somando aproximadamente 1.700 pessoas. Essa etnia apresenta um nível de socialização e interação bem mais acentuada, tanto no perímetro interno quanto externo da aldeia. Grande parte deles desenvolve um trabalho de protagonismo social, contribuindo efetivamente com a construção de cidadania, direitos e igualdade entre eles e em relação ao não índio de seu entorno.

Consideramos a presença da etnia Atikum que na década de 80 migraram de Pernambuco, transitaram nos estados de São Paulo e do Paraná, fixaram-se na reserva indígena de Nioaque, mesma área habitada pelos Terenas. (cf. SILVA, 2019, p. 17). A outra etnia que

ocupa o mesmo território é a Kinikinau, que tem um número bem reduzido e apresentam características físicas diferentes dos Terenas.

Constata-se que as etnias vivem num mesmo território o que futuramente necessitará de uma ampliação territorial. O contato entre as etnias é direto, passivo e fraternal, em que todos convivem em um mesmo espaço sem conflitos ou disputas.

1.2 - Conceito de Testemunho para Agamben

A linguagem nesse contexto tem um significado não apenas figurativo ou simbólico, mas essencialmente de algo que visualize a dimensão cultural, tradicional e artística desses povos indígenas do Território de Nioaque, especialmente na prática da dança *Sipu'rina* ou Putu-Putu.

Entende-se por testemunho, no conceito de senso comum, todo relato de evidências adquiridas por sentidos e experiências que revelam determinadas situações, muitas vezes, embasadas no empírico das testemunhas. Desse modo, o filósofo Agamben (2005) define e conceitua o testemunho, como:

Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (**terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *supertes*, indica aquela que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso. É evidente que Levi não é um terceiro; ele é, em todos os sentidos, um supérstite. (AGAMBEN, 2005 p.27).

Para o autor, o conceito sobre testemunho abrange dois tipos de significados. O primeiro que ele chama de *testis* está relacionado ao que se coloca como terceira pessoa, dentro de um litígio de dois contendores; já o segundo conceito, denominado *supertes* faz a indicação do que narra à pessoa que vivenciou um evento.

Ao relacionar a língua com o aspecto social de interpretação e significância, o autor retrata o poder da comunicação linguística na representação e na interpretação de dados e realidades que podem estar carregadas de símbolos e valores.

Abordando a questão do testemunho na perspectiva da ética e do jurídico, o autor Agamben (2005, p. 30) fala sobre Auschwitz enfatizando que o testemunho tem poder sobre o que se revela e pode absorver ou condenar a pessoa, pela força que possui, por meio da fala e de outros instrumentos linguísticos.

A vida é um ato de testemunho, como aponta o texto a seguir.

No grego, testemunha é *martis*, mártir. Os primeiros padres da Igreja derivaram daí o termo *martirium*, a fim de indicar a morte dos cristãos perseguidos que,

assim davam testemunho de sua fé (AGAMBEN, 2005, p. 35).

Outro elemento relevante no cenário do testemunho é a capacidade da memória. Essa realidade é salientada por Agamben (2005, p. 36), que menciona o ato de recordar como uma vocação de quem faz um testemunho.

Agamben (2005, p. 42) discute o testemunho apontando a lacuna que existe nele; isso porque a testemunha é sobrevivente de uma realidade que toma conta de si, não apenas nos aspectos históricos, mas também emocionais e de lembranças. Essa lacuna pode determinar a identidade e a credibilidade do testemunho.

O testemunho é algo que exprime o sentimento e a visão de um sujeito frente a experiência feita de algo que lhe causa estranheza ou admiração. Essa dimensão pode ser compreendida por meio da lacuna que existe no testemunho, como mostra o fragmento a seguir.

Há também outra lacuna em todo testemunho: as testemunhas são, por definição, sobreviventes e, portanto, todos, em alguma medida, desfrutaram de um privilégio... Ninguém narrou o destino do prisioneiro comum, pois para ele, não era materialmente possível sobreviver (AGAMBEN, 2005, p. 42).

A experiência e o interesse de quem testemunha o fato entrelaçam-se com o percurso narrativo e com a linguagem. Neste sentido, pode ser difusa ou fixa em um ponto de partida ou de chegada da linguagem que se concretiza por meio do testemunho dado.

No entanto a testemunha carrega em si, a ânsia da verdade e da justiça, como mostra o que segue.

A testemunha comumente testemunha a favor da verdade e da justiça, e delas a sua palavra extrai consistência e plenitude. Nesse caso, porém, o testemunho vala essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes. As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo (AGAMBEN, 2005, p. 43).

Assim, é possível verificar que a testemunha manifesta em seu testemunho, a essencialidade da verdade que vivenciou, embora seja essa verdade, carregada de sentimentos e sentidos que ela própria atribui. Utilizaremos do conceito de testemunho para as análises dos fatos no Capítulo II deste TCC, por considerar a importância do posicionamento enunciativo de mulheres Terena sobre a dança feminina na Aldeia Taboquinha de Nioaque – MS.

1.3 - Conceito de Linguagem para Benveniste

O autor Benveniste (2006, p.93) define linguagem descrevendo-a desse modo.

A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Conseqüentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir desse momento, a linguagem é dada com a sociedade. Assim cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra. (BENVENISTE, 2006, p.93).

Nesse sentido, o autor enfatiza que a linguagem é “[...] um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro.” Isso pressupõe que encontramos no discurso um “eu” que se dedica ao outro, no caso, o “tu”, com isso, é sempre necessidade de interagir com o outro, com a missão de estabelecer uma mensagem. Outro ponto importante, é que a linguagem é herdada, ou como Benveniste (2006) explica é dada com a sociedade. Não há escolhas num primeiro momento, o sujeito herda a língua e a cultura em sociedade na oralidade.

Fazendo o diálogo entre o sentido da linguagem do autor com o objeto de pesquisa desse trabalho, a dança indígena Sipu´trina (Putu-Putu), é possível entender a relação existente, demonstrada no viés da cultura e da tradição que emana para vida singular desse povo. Assim, a linguagem é o fator excêntrico da epifania da vida e cultura do povo Terena, que desenham em sua prática tradicional seus valores, princípios e singularidades na oralidade e no exercício de conceder em sociedade os valores.

Nesse sentido, a linguagem é algo que está muito além do ato de verbalizar códigos, ela é complexa e ampla, difunde-se em diversas manifestações linguísticas. Isso fica mais fácil de entender por meio dessa outra passagem do texto que diz:

Na realidade temos aí noções imensas cuja complexidade não acabamos de explorar, respectivamente a língua e a sociedade. A ideia de procurar entre essas duas entidades relações unívocas que fariam corresponder tal estrutura social a tal estrutura linguística, parece trair uma visão muito simplista das coisas. Naturalmente são grandezas não isomórficas, vê-se logo na diferença que as separa em sua organização estrutural (BENVENISTE, 2006, p. 95).

Na perspectiva do autor é feita de complexidades que devem ser interpretadas no contexto social a questão da língua, os usos em sociedade. Lembrando que língua e sociedade, no entanto, a relação existente entre ambas não pode ser vista como algo simples. Faz-se necessário compreender sobre os sentidos presentes nas experiências de linguagem de forma grandiosa e não isomórfica. Interações entre sujeitos em sociedade.

Assim, é possível entender a língua como um mecanismo de interpretação da realidade, em que esta adquire significados e relevâncias de acordo com a estrutura

linguística, fazendo a relação entre indivíduo e sociedade, como sinaliza a passagem a seguir.

Para que a língua possa preencher este papel de interpretante que é inicialmente e do ponto de vista puramente literal fazer existir o interpretado e transformá-lo em noção inteligível, a língua deve preencher duas condições face à sociedade. Visto que esta sociedade é da natureza humana fixada em instituições e modelada pela técnica, pelas condições da produção, a sociedade está apta a se diferenciar ou a evoluir constantemente, ora lenta, ora muito rapidamente (BENVENISTE, 2006, p. 98).

Nesse sentido, conclui-se que a linguagem para Benveniste é um assunto vasto e complexo que está entrelaçada com a sociedade, pois uma dá sentido á outra de forma relevante e significativa na vida dos indivíduos, onde se concebe a noção de dança e cultural por meio da linguagem e pelo uso da língua.

1.4 – Conceito de cultura

Apresentamos também o conceito de cultura Goldstein (2008) menciona que a cultura é como uma construção social permeada pelo campo intelectual dos agentes sociais. Os conceitos de cultura e as manifestações culturais consolidam na ideia do campo e do *habitus* cultural, como salienta Goldstein (2008) ao fazer a seguinte afirmação sobre cultura.

Trata-se de uma riqueza simbólica desigualmente distribuída dentro de cada campo, que é acumulada de transmitida de geração em geração, traz poder a seus detentores e suscita o desejo consciente ou não de se distinguir dos demais por meio de atitudes “típicas” de um conhecedor. Segundo Bourdieu, o “capital cultural” pode aparecer sob três formas diferentes: com *habitus* cultura, quando é fruto da socialização prolongada, que garante a alguém saber falar bem em público ou se sentir à vontade em uma ópera, por exemplo; como forma objetiva, presente em bens culturais como livros, quadros, discos etc.; sob forma institucionalizada, contida nos títulos escolares e vinculadas ao mercado de trabalho (GOLDSTEIN, 2008, p. 2)

Por meio desse trecho é possível verificar que a cultura está enraizada no cotidiano da vida das pessoas e perpassa as experiências. Os testemunhos manifestados pelos sujeito tem por objetivo relatar ou apresentar por meio do uso da língua as vivências no decorrer de existência de um povo em sociedade.

As escolhas teóricas deste Capítulo I são de grande relevância para a construção do conceito de dança e valorização para a etnia Terena, uma vez que é em um contexto marcado pela busca da preservação da tradição indígena, que se consolida a cultura desse povo.

CAPÍTULO II
TESTEMUNHOS FEMININOS SOBRE A DANÇA FEMININA TERENA,
Sipu'rina, ou PUTU-PUTU

Este Capítulo II aborda a dança *Sipu'rina*, ou Putu-Putu e os valores semânticos para os conceitos de cultura e dança a partir do testemunho de duas mulheres anciãs das aldeias Taboquinha e Brejão que são as senhoras Durvalina (D) e Mamédia (M), respectivamente. A escolha dos sujeitos da pesquisa aconteceu por conta da afinidade e do respeito, por merecimento utilizaremos os primeiros nomes. Não selecionamos mulheres jovens visto que o nosso interesse estava em valorizar o testemunho mais experiente da etnia Terena. Esta escolha é motivada pelo valor que atribuímos ao ancião, ou anciã na educação, no uso da língua Terena e nos conhecimentos epistemológicos.

Nas comunidades indígenas Terena, a prática da dança percorre as diferentes fases da vida, da infância até a idade adulta. A dança do *Kahixoti Kipaé*, também conhecida como dança da Ema, é praticada pelos homens. A manifestação cultural masculina representa a participação dos Terena na Guerra contra o Paraguai, demonstrando as estratégias praticadas na época para enfrentar os inimigos e em demais rituais sociais das Aldeias.

A Figura 1, ilustra a apresentação da dança do *Kahixoti Kipaé*, no Dia 19 de Abril, Dia do Índio, na Aldeia Taboquinha. A dança reúne homens adultos, idosos, jovens, adolescentes e crianças. Representa um momento importante para a cultura e para a constituição dos sujeitos em prol da resistência do povo Terena.



Figura 1. Imagem do grupo de dança masculina Aldeia Taboquinha (KOHIXOTI KIPÁE) – arquivo pessoal.

De acordo com Jesus (2007), a dança do Kipáe, representa a participação dos Terena na Guerra contra o Paraguai, demonstrando as estratégias praticadas na época para enfrentar os inimigos. No passado, os oponentes eram os paraguaios, hoje são os *Purutuyé* pertencentes à sociedade hegemônica que não reconhece e não consegue enxergar nossos direitos sobre a terra. Por esta e outras razões é que este tipo de dança possui grande significado nessa luta.

A dança feminina *Sipu'trina*, conhecida como dança do Putu-Putu ocupa um espaço central na pesquisa. O fato está nos sentidos recuperados por meio dos testemunhos de duas mulheres Terenas.

Não há, até o presente momento, muitas reflexões sobre a temática da dança feminina Terena, portanto, este TCC torna-se um instrumento de estudo visto que aborda sobre dois testemunhos realizados com duas anciãs terenas moradoras das aldeias Taboquinha e Brejão. Utilizamos nas análises de questões de Linguística, Filosofia e Cultura.

A imagem, conforme Figura 2, mostra a organização da dança que é praticada unicamente por mulheres de diferentes idades. Elas usam movimentos circulares. Estas retratam a posição feminina na comunidade.



Figura 2. Acervo pessoal - Imagem de mulheres Terenas na dança Putu-Putu de diferentes idades– apresentação no dia 19 de abril – Aldeia Taboquinha.

Os significados da dança emergem do testemunho em língua portuguesa e representa a alegria, a simpatia e o envolvimento das mulheres com a vida da comunidade indígena.

O sujeito ancião(ã) para a cultura indígena é um membro considerado de grande importância, pois eles representam a voz da sabedoria. Esta voz que enuncia por meio do sujeito merece todo o respeito. As vivências são exemplos a serem seguidos pelos mais jovens. Por conta disso, as anciãs são muito importantes nas suas comunidades, uma vez que elas são marcos referenciais para dar testemunho de si e dos conceitos. É a vivência da cultura e dos costumes tradicionais.

Compreendido a importância das anciãs na cultura Terena, ressaltamos que a dança é aprendida e exercida na escola, sendo incorporada na grade curricular como expressão cultural da etnia indígena. De acordo com o Projeto Pedagógico da Escola, é valorizada e abordada responsavelmente pelos professores índios e não-índios. Os professores indígenas procuram educar e valorizar a respeito das manifestações linguísticas, culturais e místicas do

povo Terena. Estes significados são repassados aos membros mais novos da comunidade, a consciência de aprender, cultivar e preservar a cultura da dança do Putu-Putu.



Figura 3. – Arquivo pessoal – Nioaque (2017) – Professoras e alunas na apresentação da dança do Putu-Putu – Escola Municipal Gabriel Laureano, Aldeia Água Branca – Nioaque/MS - na Comemoração do 19 de Abril – Dia do Índio.

Como sugerem Agamben (2005), o testemunho é uma forma de tornar evidente o que antes era uma experiência, consolidando a materialidade de um fato. Nesse sentido, as entrevistas realizadas tiveram grande relevância na construção dessa pesquisa. Foram escolhidas duas senhoras indígenas consideradas pela comunidade anciãs sábias, matriarcas e referência de testemunho e de vivência da cultura, diante dos diversos percursos que a comunidade fez, até o presente momento.

Como salienta em sua entrevista, a senhora D de 80 anos de idade, anciã pertencente à comunidade Terena e moradora da Aldeia Taboquinha – Nioaque -MS, ela veio da aldeia Bananal de Aquidauana-MS. A dança na Aldeia Taboquinha, no passado, era algo desafiante. Para que as mulheres e jovens promovam a dança na Aldeia foi preciso enfrentar diversas situações internas e externas. A dança do Putu-Putu é compreendida para superar situações de conflitos, de dificuldade financeira e de luta pela preservação da cultura.

Eu vim da aldeia Bananal da cidade de Aquidauana há muito tempo atrás. Foi lá que aprendi muito sobre a cultura e a dança dos terenas. A vida no Bananal era muito

difícil, passei muitas dificuldades. Tudo era difícil, as coisas para a casa, os conflitos com o não índio, a luta para ter terra indígena. T1 D 05/10/2018

No testemunho1 – D, o sujeito fala em 1ª p.s “eu”, é uma testemunho segundo Agamben (2005) que vivencia é sobrevive aos fatos, por isso, a importância da dança ser praticada desde cedo, pois como relata, diz que não sabe muito mais sobre a dança do Putu-Putu porque não começou dançar desde pequena. Outro fator que o sujeito em 1ª p.s “eu” destaca é o motivo que a levou a aprender a dança. Nesse sentido é possível notar a relação que existe entre a dança e a terra. Os “eu” são muitos, desdobram-se em aquele que sofreu e aponta sobre o valor positivo da dança. Em outro momento, o “eu” é aquele fala sobre o valor da dança por conta do descobrimento da terra, como se pode conferir no T2 – D - da entrevista que segue.

Eu e as outras mulheres aprendemos a dançar por causa do descobrimento da terra... se tivesse dançado desde pequena, eu sabia muito mais sobre a dança, eu falava mais do tempo passado. T2-D em 05/10/2018

A partir dessa fala é possível entender que a dança do Putu-Putu foi iniciada desde o início da vida da comunidade no PIN – Posto Indígena de Nioaque. A manifestação cultural é coletiva “Eu e as outras mulheres”. Está para o nós, como marca de afirmação do grupo de mulheres. Os sentimentos relacionados ao valor do conceito da dança (3ª p.s) está para timidez, ausência de prática dos movimentos circulares realizados pelas mulheres. Com o tempo a dança tornou-se uma prática mais comum na aldeia, sendo disseminada como uma prática cultural, que valoriza o índio. Esse pensamento é traduzido no que em T3-D enuncia:

No começo ninguém gostava de dançar, nem eu dançava muito. Mas a dança sempre existiu no meio dos terenas. Parece que as mulheres tinham vergonha de dançar. Daí foi sendo praticada e foi aumentando interesse pela dança. Depois descobri que essa dança valorizava a nossa vida como índio. Hoje muitas meninas gostam de dançar o Putu-Putu, mas precisa dançar ainda mais . T3 – D em 05/10/2018

Em T3 – D, é possível verificar que a categoria de pessoa em 1ª p.s “eu” retorna como marca de subjetividade do sujeito. A vida em comunidade e o diferencial está no fato de que é em sociedade que os valores culturais são herdados e dão testemunho. Leiamos: “Parece que as mulheres tinham vergonha de dançar. Daí foi sendo praticada e foi aumentando interesse pela dança.”. A dança passa a ter valor quando não só se fala sobre, mas quando se dança. Os saberes dos membros mais velhos, o fato de obedecer às orientações sobre a vivência da espiritualidade. Em meio à simplicidade e dificuldade, houve uma preocupação em manter e preservar viva a cultura, expressada na dança.

Em T4 – D segue o seguinte testemunho.

Eu passei pros meus netos, eu procuro quem dança; quem aprende começa atrás e depois passa avante. Tem que dançar, é o amor pela nossa terra. T5 - D em

05/10/2018

Essa parte da entrevista evidencia com clareza o sentimento de pertencimento e de responsabilidade das mulheres anciãs, que buscam, até hoje preservar e dar sentido à dança *Sipu'Trina* (Putu-Putu), relacionando-a com a questão da terra. E terra para índio, é vida. Benveniste (2006) é possível compreender que o papel da linguagem por meio do testemunho como salienta é um fator de preservação da vida e da cultura.

Nesta analogia é evidente retratar o percurso linguístico e testemunhal que a entrevistada traça para testemunhar um processo histórico de compromisso com a preservação da cultura de seu povo. Em T5 – D, quando se pergunta sobre a importância de ensinar às crianças a dança do Putu-Putu, encontramos os seguintes sentidos:

É por causa da cultura. É muito importante que a mocidade, as crianças dançam para não deixar a nossa cultura. Isso é muito bom. A dança feminina tem que ser aprendida e dançada pelas mulheres. T5 – D em 05/10/2018

Aqui, em T5 - D emerge a preocupação do sujeito com a preservação da cultura e com o sentimento de pertencimento e posse da vida indígena. O sujeito enuncia sobre os sentidos da dança e a terra, associando à continuidade dos povos Terena. Para o sujeito D tem-se a necessidade das mulheres aprenderem e praticarem a dança.

Desse modo, a compreensão do termo dança também revela questões de cultura, visto que o pensamento de Bourdieu(1989) e trata o poder simbólico da linguagem. É pelo uso da língua e das manifestações de linguagem que o falante transita com os sentidos e as ações entre a vida real e o imaginário empírico.

Para o sujeito, a dança é vida, é força e continuidade da essência do ser índio. Ressaltou a ainda, a importância da língua Terena, fazendo um apelo para que as mães ensinem seus filhos a falar a língua materna.

Todas as crianças devem saber falar a língua terena, peço para as mães ensinarem seus filhos. É nosso interesse levar avante nossa cultura. Nós vamos ficar alegres vendo nossas crianças falar o nosso idioma. T6 – D em 05/10/2018

No T6 - D é possível compreender um cenário bem conciso e coerente em relação a prática da dança do Putu-Putu e da vida das mulheres que exercem o seu papel na comunidade indígena na transmissão dos valores. É a inserção da mulher indígena na vida da comunidade no cuidado da vida dos membros e da preservação cultural. Nesse sentido, a dança é expressa como uma forma de manter viva a tradição e a cultura do povo terena das aldeias de Nioaque, MS.

O sujeito salienta a importância da prática da dança em momentos especiais da

sociedade. A dança é o que constitui a mulher indígena. Esta manifestação precisa ser mais praticada e disseminada entre as mulheres de hoje, para que essa prática cultural não se perca com o tempo.

A segunda entrevistada foi a senhora anciã M 80 anos de idade moradora da aldeia Brejão. O sujeito M relata em seu testemunho, em 1ª p. plural “nós”. Esta categoria não é só o plural do eu + ele nós, mas do coletivo. A categoria enunciativa apresenta a trajetória histórica desde sua chegada ao território indígena de Nioaque aos tempos atuais. Há deslocamentos territoriais dos povos indígenas, isto decorre da necessidade em relacionar com outros indígenas da mesma etnia. A necessidade de ampliar territórios e expandir contatos.

Neste recorte, o sujeito T1 - M salienta que a comunidade passou por inúmeras dificuldades, vivendo a carência de muitos recursos, no entanto, a preservação da cultura foi essencial para construir um povo forte, com identidade própria e autônoma em suas práticas e vivências culturais.

Leiamos:

Quando chegamos aqui e dançamos pela primeira vez, as crianças ficaram com medo. Dançamos em um número de mais ou menos vinte e meu “véio” tocava [...] T1 - M em 10/09/2018.

O sujeito dá testemunho e ressalta que a dança veio do Ipegue, Aldeia Terena – localizada no município de Aquidauana. Tem-se o aqui na enunciação de T1 - M, com as questões de instauração dos valores da dançar o Putu-Putu na aldeia de Nioaque: “Quando chegamos aqui e dançamos pela primeira vez, as crianças ficaram com medo. Dançamos em um número de mais ou menos vinte [...]”. A novidade da dança num primeiro momento está relacionada ao medo. Depois há a quebra deste sentimento. Por conta desse fato, a comunidade considera-a como pioneira, tanto na prática da dança, quanto no ensinamento da mesma.

No Testemunho de M a dança tem os seguintes significados:

Ela é a alegria da gente. A alegria pela volta daqueles que chegaram da Guerra do Paraguai. Eles voltaram da guerra e nós ficamos alegres” (T2 - M em 10/09/2018.

A dança Putu-Putu celebra a vitória daqueles que retornaram da Guerra do Paraguai. São aspectos da História oral que Fausto Boris (1995) confirma na seguinte passagem:

Enquanto o café seguia sua marcha no Oeste Paulista e as propostas de abolição gradual da escravatura davam os primeiros passos, um acontecimento internacional iria marcar profundamente a história do Segundo Império. Esse acontecimento foi a Guerra do Paraguai, travada por mais de cinco anos, entre 11 de novembro de 1864, quando ocorreu o primeiro ato das hostilidades, e 1º de março de 1870. Ela é conhecida, na América espanhola, como a Guerra da Tríplice Aliança (BORIS, 1995, p. 208).

A partir dessa contextualização é possível verificar que a Guerra do Paraguai foi um conflito militar que aconteceu na América Latina, envolvendo o Paraguai de um lado e a Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina) do outro. Ainda de acordo com Fausto Boris (1995) a Guerra contabilizou um prejuízo irreparável, tanto a questão material quanto humana. Morreram aproximadamente 300 mil pessoas, entre civis e militares. Nesta conta não entra os índios e escravos. Tem-se um apagamento dos números de mortos, por isso a dança feminina para aqueles que retornam é tão significativa.

No Testemunho de M, a dança tem também perdas grandes. Não só na dança como também o idioma, ao dizer: *“o idioma é nosso documento. Hoje a criança não quer mais dançar e isso é muito triste. Eu fico brava com isso.”* T6 – M. Os sentimentos de preocupação e muita indignação a respeito da não observância às manifestações culturais da etnia Terena. O valor simbólico e cultural da palavra não é algo superficial, está relacionado ao existir do povo indígena.

A dança do Putu-Putu é alegria, como retratam as testemunhas das duas anciãs da comunidade. Foca em questões do hoje e de fatos históricos e sociais da comunidade. Assim, a Putu-Putu tem sua dimensão transcendental, capaz de sustentar uma cultura que atravessa não apenas a cortina do tempo, mas, as mais diversas e adversas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os testemunhos de D e M, Aldeias Taboquinha e Água Branca, coletados e analisados a respeito dos sentidos que dança *Sipu'trina* emergem em experiências de linguagem. Os enunciados dão conta de valores semânticos e culturais por conta da significância histórica, social. Está na dimensão subjetiva dos discursos.

Apontam para o fato de que na fala das mulheres Terena há o poder de transmitir e perpetuar os valores culturais. As mulheres anciãs das comunidades indígenas e eu, jovem, somos construtoras da história Terena. Buscamos elucidar isso por meio da prática da dança e do chamamento para que novas gerações assumam o papel de protagonismo na aprendizagem e no ensino da dança, como também no compromisso de preservar, valorizar e transmitir os valores culturais.

Este TCC apresenta parte do contexto histórico e étnico dos povos indígenas da etnia Terena que residem no município de Nioaque-MS. Evidencia os valores em sociedade uma vez que a dança feminina *Sipu'trina*, ou Putu-Putu que tem o traço da resistência e da luta das mulheres na preservação da cultura e da tradição.

Nesse aspecto, os sujeitos que emergem nos testemunhos em T D e T M chamam atenção para que o ensino e a prática da dança e do uso da língua Terena sejam transmitidas às gerações atuais e futuras.

Assim, a construção dessa pesquisa ampliou meus saberes sobre O POVO TERENA QUE É MEU povo TAMBÉM. O desafio está em continuar aprofundando sobre o estudo desse tema, na perspectiva de construir novos conhecimentos e contribuir com novas bases e fundamentos teóricos.

Retomo aqui parte do meu próprio testemunho para que eu possa me constituir como sujeito que irá manter e cuidar da cultura e dos valores do povo Terena: “A ideia do meu TCC nasceu de mim e das muitas mulheres que estiveram sempre próximas, tais como minha avó, minha mãe, minhas tias e outras mulheres da comunidade”. É por conta desta transmissão de valores pelas questões enunciativas e de oralidade que apresento parte das minhas contribuições ao meu povo.

Em resposta a pergunta inicial: Como a dança *Sipu'trina* contribui com a construção da identidade da mulher indígena terena, e como essa manifestação cultural ajuda a preservar a cultura dos povos indígena terena? Aponto que muitas são as estratégias de preservação estão relacionadas às experiências subjetivas de uso da língua e de manifestações de linguagem corporais e culturais. A primeira está em valorizar os

testemunhos das mulheres anciãs, afinal dançar o Putu-Putu é sempre envolver esta tradição na roda da vida e nas as futuras gerações. A segunda está em registrar na escrita as experiências de língua e de linguagem sobre os valores resgatados em testemunhos dos povos indígenas em diferentes territórios brasileiros. A subjetividade em 1ª p.s é formada por muitos eus que enunciam formando assim um tecido com muitos fios coloridos,

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo, 1942.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª Edição. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BORIS, Fausto. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. Fundação do desenvolvimento da educação, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª Edição. Tradução portuguesa de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2010.

GOLDSTEIN, Ilana. **Hierarquia das Culturas**. Revista Cult, 2006.

JESUS, Naine Terena. **Kohixoti Kipaé - Memória, resistência e cotidiano Terena**. Universidade de Brasília, UnB, Brasil. 2007.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. **Terra Indígena Nioaque: processo de formação sociopolítica, divisão da aldeia Água Branca e os momentos históricos vividos por este povo ao longo dos anos**. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande-MS, 2007.

OLIVEIRA, João Pacheco. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

SOUZA, Sandra Cristina de. **Mulheres Terena: História e Cotidiano**. Dissertação (Mestrado em História Social). 2000. PUC-SP. São Paulo.